

## Ciência e imaginação

*Livros revelam como as investigações científicas permearam obras de Machado de Assis e de Jorge Luis Borges*

**PAULO CESAR DO NASCIMENTO**

### **MACHADO DE ASSIS**

"A literatura produzida por Machado de Assis e seus contemporâneos não tinha apenas como finalidade o entretenimento. Mesmo quando buscava divertir, fazia isso de modo a construir críticas sociais amplas. Particularmente em uma de suas obras, *Papéis avulsos* – coletânea cujos contos foram elaborados a partir dos principais debates científicos e filosóficos da segunda metade do século 19 –, houve esforço no sentido de desmascarar o uso perverso do discurso produzido pela ciência: a linguagem científica servia para justificar medidas políticas arbitrárias adotadas com propósitos de exclusão social e política, e invalidar qualquer outra opinião que não coubesse no padrão de pensamento então dominante na Corte imperial.

Demonstrar a preocupação do contista em tornar a sua produção literária um meio de reflexão sobre algumas das mais inquietantes questões de seu tempo, como o amplo papel atribuído à ciência, é um dos principais méritos de pesquisa de mestrado e doutorado conduzida na Unicamp pela historiadora Daniela Magalhães da Silveira, transformada no livro *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis* (304 páginas, Editora da Unicamp).



**Machado de Assis: escritor joga luz sobre as incongruências do discurso produzido por cientistas da época**

Desenvolvido entre 2005 e 2009, o projeto inicial de Daniela tinha como proposta buscar compreender a organização das coletâneas de contos por Machado de Assis. Boa parte desses textos teve uma primeira versão publicada em algum jornal ou revista fluminense. Em seguida, o escritor selecionava alguns deles e os publicava sob o formato de livro. Talvez numa tentativa de oferecer alguma coesão ou mesmo de apresentar a nova obra para o seu público, aquelas narrativas apareciam precedidas por uma "Advertência", revela a pesquisadora. Esse é o caso, por exemplo, da coletânea *Papéis avulsos*, de 1882, em que Machado afirmava que aqueles contos seriam "pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa".

"Tendo isso em mente, a minha intenção era a de buscar evidências em torno da publicação inicial dos contos nos periódicos, observar as mudanças e ajustes feitos por Machado e, em seguida, tentar saber se havia alguma temática que serviria de junção e justificativa para que aquelas histórias tivessem sido recolhidas e ganhado o formato de livro. Afinal de contas, isso significava não cair no esquecimento e nem serem relegadas a um segundo plano", pondera Daniela, que é formada em história pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e atualmente leciona no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

A primeira leitura feita dos contos publicados em *Papéis avulsos* e nas *Histórias sem data* (1884), no formato original, ou seja, ainda na imprensa, despertou-a para as questões relacionadas à ciência. Estas estavam presentes em todo o jornal e revista, e não somente nos textos machadianos.

"Comecei a perceber, então, como aquela era uma temática que havia rendido muita discussão e parecia ter chamado a atenção de Machado, incentivando-o a ingressar no debate", acentua.

### **Ciência em profusão**

Daniela observa que a ciência e suas implicações despertavam o interesse de pessoas bastante diferentes. Basta levar em consideração, ressalta ela, o aumento considerável, em especial nos anos 1870, de espaços nos jornais diários dedicados a essas questões. O tema fluía com abundância tanto das colunas, que adotavam uma linguagem mais técnica e enredada, quanto dos folhetins, que abusavam do humor e de trocadilhos facilmente compreendidos.

Foto: Divulgação/Reprodução



**A historiadora Daniela Magalhães da Silveira:  
"Machado indicava caminhos de leituras  
mais adequados"**

“Aliás, boa parte dos contos trabalhados por mim apareceu no rodapé da Gazeta de Notícias ou numa coluna conhecida à época como ‘oitava coluna’. Esta abrigava os literatos com suas crônicas e contos. Além disso, ainda existiam aquelas revisapreciadas por Machado para a publicação de suas histórias”, relata a autora.

Essas revistas contaram com a colaboração de vários médicos interessados na formação das mães e nos filhos delas, considerados o futuro da nação. Machado de Assis representava mais uma vez nesses debates, que, embora aparentemente pouco acessíveis, usavam de linguagens mais interessantes e pareciam cativar os leitores. Por outro lado, o cronista tendia a apimentar mais a conversa, questionando algumas contradições encontradas nos escritos de seus próprios colegas de redação.

Imerso então nessas discussões, Machado de Assis pode ser compreendido como escritor que usou sua literatura com o objetivo de se posicionar diante das “novidades científicas”, defende Daniela, tanto aquelas divulgadas pela imprensa como as que chegavam ao conhecimento público por meio de conferências populares. Especialmente porque, pondera a pesquisadora, o andamento daqueles debates poderia resultar em definições de fundamental importância política para o país.

“O que estava em jogo era a questão do trabalho, com inquietações sobre o destino a ser dado aos escravos e a inserção de imigrantes. Da mesma forma, havia o problema sobre quais espaços sociais conceder às mulheres, o aperfeiçoamento do sistema eleitoral, entre tantas outras questões. Para resolver tudo isso, o cientificismo aparecia com várias justificativas e medidas, orientadas pelo evolucionismo e pelas noções de diferenças raciais e sexuais. Enquanto escrevia os contos dessa coletânea, Machado explorava questões desse naipe”, enfatiza Daniela.

Em “O alienista”, vários pontos foram abertos. Algumas certezas científicas foram colocadas em xeque, em especial, aquelas propostas por meio do exercício da medicina. O espírito crítico, a ironia sagaz e a profunda reflexão sobre a sociedade brasileira da época – traços indelévels do estilo que consagrou Machado de Assis como um dos maiores mestres do conto – estão presentes, por exemplo, na galeria de personagens criados para ironizar cientistas e correlatos, sobretudo médicos, como os doutores Simão Bacamarte e Diogo Meirelles.

### **Empatia com as leitoras**

A imprensa, ressalta a autora, foi o principal veículo de comunicação utilizado por Machado de Assis. Mesmo depois de se tornar um escritor reconhecido, ele não deixava de publicar suas histórias naqueles jornais e revistas, porque isso representava não só rendimentos financeiros, mas também a possibilidade de ser lido por um maior número de pessoas.

“Provavelmente a sua ideia era muito mais a de fazer com que seus leitores e leitoras questionassem ou ao menos refletissem a respeito de questões que, sob a pena de outros intelectuais, pareciam irrefutáveis. Claro, Machado não controlava a recepção de seus escritos, mas sabia que, quando participava de uma revista de

moda e literatura, poderia fazer com que suas leitoras se identificassem com alguma personagem e questionassem o lugar social atribuído a elas por alguns médicos que tinham suas colunas publicadas ali mesmo”, pondera. “Mesmo em sua maturidade, Machado não deixou de acreditar na capacidade de interpretação e de transformação que algumas das suas leitoras possuíam.”

Especialmente para a composição das *Histórias sem data*, o folhetinista construiu personagens femininas ímpares, aponta Daniela.

Quando direcionada às mulheres, a ciência produzida no século 19 e divulgada na imprensa tentava definir a maternidade, as condições para a escolha do melhor casamento, como a idade dos nubentes, por exemplo, e qual o trabalho mais apropriado, de acordo com as supostas condições “naturais” femininas. Para debater essas questões, constata ela, Machado de Assis deu vida a protagonistas do sexo feminino que precisavam driblar a suposta superioridade masculina. Mostrava, desse modo, como a instrução poderia representar uma importante saída.

“Esta havia sido a solução apresentada também por alguns médicos e também por algumas senhoras que lutavam, também na imprensa, pela emancipação do sexo feminino. A diferença em suas falas refere-se ao fato de que, para os médicos, as mulheres precisavam se instruir para cuidar da educação dos filhos delas. Para as senhoras envolvidas em alguns periódicos, como *O sexo feminino*, as mulheres não poderiam deixar com que seus maridos as tratassem como escravas e também precisavam se precaver no caso de se encontrarem sem qualquer amparo, por isso deveriam aperfeiçoar seus conhecimentos. Machado de Assis, por sua vez, indicava a instrução como estratégia para enfrentar a autoridade e repressão masculina”, argumenta a historiadora.

### **Precaução com os maridos**

A análise da produção de alguns dos mais importantes livros de contos publicados por Machado de Assis permitiu à Daniela constatar que, enquanto o literato escrevia para a imprensa, parecia ter muito pouco ou qualquer controle sobre a recepção de seus escritos. Precisava também se adaptar àquele suporte. Ou seja, quando publicava numa revista como *A Estação*, dedicada ao público feminino e às famílias, que continha em suas páginas moldes de vestidos, dicas de modas e tudo aquilo que àquela época parecia pertencer exclusivamente aos interesses das mulheres, acabava estabelecendo um diálogo com os outros colaboradores do periódico.

“Além disso, ainda sabia que precisava abordar determinadas temáticas, tomando o devido cuidado para que alguns pais e maridos não se sentissem ameaçados ou ofendidos. Por sua vez, quando recolhia algumas histórias para a coletânea, tentava oferecer-lhes outros sentidos e uma justificativa para que aquelas e não outras tivessem sido as escolhidas”, pondera a autora. “Nesse segundo momento, Machado parecia ter mais controle sobre o seu ofício, tentando indicar caminhos de leituras mais adequados, mesmo quando informava que todas as suas histórias possuíam mais de uma interpretação possível.”

De acordo com Daniela, ler Machado de Assis é sempre um enorme prazer. Primeiro porque representa ao leitor a possibilidade de se aproximar das discussões possíveis apenas no século 19, de saber mais tanto sobre o próprio escritor, como a respeito de seus colegas e prováveis leitores e leitoras.

“Por outro lado, permite constatar a atualidade de sua obra, em especial, quando algum cientista do século 21 tenta afirmar o seu conhecimento desconsiderando as condições sociais e necessidades reais da população atingida”, argumenta.



**Serviço**

**Título:** Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis

**Autora:** Daniela Magalhães da Silveira

**Edição:** 1ª

**Páginas:** 304

**Preço:** R\$ 29,00